

Horizontes da pensatividade



José Enes não foi um homem comum, já o sabemos. É daqueles poucos cuja memória se perpetua indelével nas suas obras.

Simultaneamente, para quem teve o privilégio de o conhecer num período já amadurecido da sua vida intelectual, a notoriedade dos seus escritos precedia-o e intimidava os jovens “aprendizes de filosofia” que, não obstante, dele se procuravam aproximar atraídos por uma nova forma de pensar o real. Foi assim comigo.

Quando surgiu a oportunidade de ingressar na Universidade dos Açores, como assistente estagiária, sabia que ia ter a possibilidade de conhecer pessoalmente grandes vultos da filosofia e da cultura portuguesa que haviam optado por dedicar o seu saber e experiência, o seu prestígio e influência à instituição de uma Universidade nos Açores, como foco de desenvolvimento cultural e científico, social e económico e ainda político e

de cidadania, como se veio a comprovar. José Enes era um deles!

Já enquanto aluna do curso de licenciatura em Filosofia havia iniciado o contacto com o pensamento de José Enes, um pouco hesitante perante a profundidade de uma reflexão de que apenas aspirava então a compreender a letra, escapando-me inexoravelmente o espírito, isto é, a inspiração e o projecto que nunca se esgota num texto ou num conjunto de textos, mas os perpassa e deles transparece estruturando-os, unificando a obra e definindo o pensador. Só mais tarde, na Universidade dos Açores, quando ingressei no seu Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, de que José Enes era então Director, após o termo do seu reitorado, juntei às palavras lidas a voz sussurrante e pausada, entrecortada de silêncios, ora pesados ora expectantes, em que o pensamento se agitava inquieto. E então, já com alguma maturidade adquirida, fui paulatinamente acedendo ao pensamento de um verdadeiro filósofo, isto é, aquele que, através da sua palavra oral e escrita, não só ensina, transmitindo conhecimentos, mas principalmente sugere e estimula a novos itinerários reflexivos abrindo horizontes da pensatividade. Este magistério, esta aprendizagem não se confina a marcos temporais..., é uma herança viva para gerações.

M. Patrão Neves